



**ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE  
BACHARELADO EM ONTOPSICOLOGIA**

**LAUREM ANZOLIN SILVEIRA**

**A PERSONALIDADE AUTÊNTICA DO PSICOTERAPEUTA EM  
ONTOPSICOLOGIA**

**RECANTO MAESTRO/RS  
2024**

LAUREM ANZOLIN SILVEIRA

**A PERSONALIDADE AUTÊNTICA DO PSICOTERAPEUTA EM  
ONTOPSICOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de monografia apresentado ao curso de Bacharelado em Ontopsicologia da Faculdade Antonio Meneghetti - AMF, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Ma. Josiane Barbieri

**LAUREM ANZOLIN SILVEIRA**

**A PERSONALIDADE AUTÊNTICA DO PSICOTERAPEUTA EM  
ONTOPSICOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de monografia apresentado ao curso de Bacharelado em Ontopsicologia da Faculdade Antonio Meneghetti - AMF, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Ma. Josiane Barbieri

Data de aprovação: 23 de novembro de 2024.

**Banca examinadora:**

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Josiane Barbieri  
Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso  
Faculdade Antonio Meneghetti

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Fernanda Martins  
Membro da Banca Examinadora  
Instituição

---

Prof. Dr. Ângelo Accorsi  
Membro da Banca Examinadora  
Instituição

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos professores que me orientaram ao longo deste trabalho por terem me transmitido todo o conhecimento necessário e por terem me ensinado a perseverar diante das dificuldades. Sua competência e sua disponibilidade foram essenciais para o sucesso deste projeto.

## **DEDICATÓRIA**

A mim pela escolha do curso de Bacharelado em Ontopsicologia, que me abriu para a visão de mim mesma e a minha família pelo apoio à autoconstrução contínua.

E a todos aqueles que buscam a profissão que auxilia a todos a caminharem a própria estrada.

*“O critério de uma verdadeira personalidade autêntica revela-se na capacidade de saber aceitar o outro enquanto outro. A maioria dos homens só sabem ver os outros como estranhos. Infelizmente, isso acontece em consequência da ignorância contra si mesmo. Quem sabe com amor a si mesmo, sempre sabe encontrar a possibilidade do outro”.*

Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, 2015b.

## RESUMO

O tema central deste estudo é a personalidade do psicoterapeuta, com uma análise comparativa entre as abordagens da Psicologia tradicional e a Ontopsicologia. O objetivo principal é demonstrar as diferenças entre essas perspectivas sobre a personalidade do psicoterapeuta e como isso impacta o processo terapêutico, ao comparar as visões de personalidade da Psicologia e da Ontopsicologia, destacando o diferencial da Ontopsicologia nesse contexto. O problema de pesquisa decorrente consiste na seguinte indagação: qual o diferencial da personalidade do psicoterapeuta pelo viés da Ontopsicologia? A metodologia utilizada é bibliográfica, com revisão teórica baseada em autores da Psicanálise, Psicologia Social, Educacional e Organizacional, além de obras de Ontopsicologia que tratam da estrutura e tipos de personalidade do psicoterapeuta. Obteve-se como resposta à problemática que a personalidade do psicoterapeuta em Ontopsicologia é uma premissa, não apenas um fator importante como o é para a Psicologia. Implica num conceito específico: o de personalidade autêntica, que consiste em uma personalidade em contínuo nexa com o próprio Em Si ôntico, ou seja, com uma consciência reversível com o real e capaz de colher com exatidão a escolha ótima de cada situação.

**Palavras-chave:** Psicoterapeuta, Personalidade autêntica; Ontopsicologia; critério organísmico.

## ABSTRACT

The central theme of this study is the personality of the psychotherapist, with a comparative analysis between the approaches of traditional Psychology and Ontopsychology. The main objective is to demonstrate the differences between these perspectives on the psychotherapist's personality and how this impacts the therapeutic process, by comparing the views of personality in Psychology and Ontopsychology, highlighting Ontopsychology's unique contribution in this context. The research problem arising is the following question: what is the distinctive feature of the psychotherapist's personality from the perspective of Ontopsychology? The methodology used is bibliographic, with a theoretical review based on authors from Psychoanalysis, Social, Educational, and Organizational Psychology, as well as works in Ontopsychology that address the structure and types of the psychotherapist's personality. The answer to the research problem is that, in Ontopsychology, the personality of the psychotherapist is a premise, not just an important factor as it is in Psychology. It involves a specific concept: that of authentic personality, which consists of a personality continuously connected to the Own ontic Self, that is, with a consciousness that is reversible with reality and capable of accurately discerning the optimal choice in each situation.

**Keywords:** Psychotherapist, Authentic personality, Ontopsychology, Organismic criterion.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>10</b>
2.1 A personalidade do psicoterapeuta conforme autores da Psicologia .....	11
2.2 A personalidade do psicoterapeuta segundo a ótica Ontopsicológica .....	15
2.2.1 Bases práticas para a autenticidade .....	17
2.2.2. Critérios para a subjetividade do pesquisador exato .....	20
<b>3 MÉTODO .....</b>	<b>22</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>22</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A ciência, na antiguidade grega e medieval, que antes era feita por setores de conhecimento, a partir do século XVII passa a ser vista ainda mais definida por áreas de conhecimento, porém, sem mais a possibilidade ontológica<sup>1</sup>. Desse século em diante, o aspecto laico emerge no pesquisador e na sociedade. Newton e Galileu ganham reconhecimento nessa época, devido ao movimento do método científico, chegando até o ponto de tornar a visão do conhecimento antigo como algo supersticioso, não fundamentado pela verificação dos fatos (Meneghetti, 2010).

Desse modo, as novidades começaram a quebrar a unidade do pesquisador, ou seja, o conhecimento não era mais produzido a partir do interno, mas somente do externo. O mesmo ocorreu na Psicologia e, ainda que se fale da personalidade, a abordagem é feita pela evidência externa dos fatos, não mais interna. Assim, a psicologia se torna insuficiente para resolver o problema humano, pois havia “a falta de conhecimento sobre a causalidade psíquica que posteriormente articulava o sintoma, e a conexão da psicologia com o mundo ou realidade” (Meneghetti, p. 98, 2010). Essa falta de conexão da psicologia foi constatada e, como sugestão, houve a criação de uma nova força da psicologia: “a psicologia do *self* completamente desenvolvido e autêntico, e dos seus modos de ser. Sutich sugeriu o nome, para essa nova psicologia, de Ontopsicologia (Maslow, 1980).

Meneghetti desenvolve a ciência Ontopsicológica e, nela, há o retorno ontológico das ciências da antiguidade. “Os grandes da psicologia de então não sabiam como devesse ser esta ‘Ontopsicologia’, ou melhor, a psicologia que revela o fundamento ontológico do humano” (Meneghetti, p. 98, 2010). A Ontopsicologia revela o fundamento ontológico do humano porque descobre que o homem é baseado em uma virtualidade capaz de atuação pessoal no ser, ou seja, o homem tem participação ativa no ser e, por meio dessa, faz história (Meneghetti, 2010).

---

<sup>1</sup> O conhecer ontológico consiste em retirar tudo o que é acidental de algo, como por exemplo aspectos que alguém pode viver sem: cor, cultura, sexo, nome, aparência física, são todos relativos a uma essência que essa é imutável. Nela está o conhecimento (Meneghetti, 2014).

O homem expressa o seu fundamento ontológico através da sua personalidade autêntica, e tal conceito será o fulcro do presente estudo.

Possui-se como tema geral, portanto, a personalidade do psicoterapeuta. A delimitação ocorre no recorte de análise focado na Psicologia tradicional e na Ontopsicologia, a partir das novidades que traz. São utilizados autores da Psicologia e o próprio fundador da Ontopsicologia como bases teóricas. Pretende-se, como objetivo geral, demonstrar a diferença na visão da personalidade do psicoterapeuta sob a ótica da Psicologia e da Ontopsicologia. O problema de pesquisa decorrente consiste na seguinte indagação: **qual o diferencial da personalidade do psicoterapeuta pelo viés da Ontopsicologia?**

Busca-se responder ao problema de pesquisa e, com isto, alcançar o objetivo geral, a partir dos seguintes objetivos específicos: 1) levantar o que as correntes da Psicologia, em especial a Psicanálise, e a ciência Ontopsicológica desenvolvem sobre a personalidade do psicoterapeuta e 2) comparar as diferenças entre as noções de personalidade da Ontopsicologia e da Psicologia, compreendida esta como fator determinante do processo terapêutico.

A pesquisa é realizada a partir da metodologia bibliográfica, segundo Gil (1999, p. 65) explicita que a principal vantagem da pesquisa bibliográfica está relacionada ao fato de permitir “[...] ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Com revisão teórica de autores encontrados na plataforma *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), com o critério de abordarem a formação de um psicoterapeuta e considerarem a personalidade do psicoterapeuta como parte desta formação. Foram encontrados autores de referência nas linhas da psicoterapia da Psicanálise, Psicologia Social e Comunitária, Psicologia Educacional e do Desenvolvimento e Psicologia organizacional. A escolha de livros de Ontopsicologia do próprio autor teve como base aqueles que abordam questões sobre a estrutura da personalidade, suas definições e tipos, e qual a específica do psicoterapeuta.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Inicia-se com a abordagem da personalidade a partir da Psicanálise, conforme se verá no primeiro capítulo. Após, a pesquisa seguirá com a análise da personalidade sob a perspectiva da ciência Ontopsicológica. Na sequência, será realizada uma comparação entre as diferentes

óticas analisadas, a fim de identificar o diferencial da Ontopsicologia no que tange à personalidade do psicoterapeuta.

## **2.1 A personalidade do psicoterapeuta conforme autores da Psicologia**

De acordo com a Psicanálise, a personalidade refere-se às características únicas e estáveis de um indivíduo, influenciada por fatores internos, como biológicos e psicológicos; por fatores externos, como aspectos sociais; e pelas experiências vivenciadas pela pessoa ao longo de sua vida.

A estrutura da personalidade, por sua vez, é definida em 3 instâncias psíquicas: Id, Ego e Superego. O Id representa o inconsciente, os instintos e a libido, e é regido pelo princípio do prazer. O Ego é o princípio da realidade, o mediador entre a realidade interna e externa do sujeito e vice-versa. O Superego de incorporar uma noção de moralidade sobre o Ego (Morettini, 2022).

Freud define cinco tipos de personalidades: a personalidade neurótica, que é caracterizada por um alto nível de ansiedade e insegurança; a personalidade obsessiva-compulsiva, na qual há um forte senso de ordem e controle; a personalidade borderline, que consiste em um padrão de comportamento instável e impulsivo; a personalidade narcisista, em que há um forte senso de auto importância e necessidade de atenção. Por fim, a personalidade esquizoide, que é caracterizada por um padrão de isolamento social e emocional (Ieb Psicanálise, 2023).

O psicanalista Erik Erikson atesta que a personalidade se desenvolve pela resolução de tensões entre várias etapas ao longo da vida, determinada por fatores biológicos, sociais e psíquicos. (Alves, 2020).

As etapas representam os estágios psicossociais do desenvolvimento. A seguir estão algumas delas, sendo a primeira palavra a superação bem-sucedida e a segunda palavra a não superação ou negligência: Confiança x desconfiança (até 1 ano); Autonomia x vergonha e dúvida (2 aos 3); Iniciativa x culpa (4 a 5); Diligência x Inferioridade (6 a 11); Identidade x confusão (12 aos 18); Intimidade x isolamento (jovem adulto); Produtividade x estagnação (meia idade); Integridade x desesperança (velhice), (Alves, 2020).

Calligaris (2004), psicanalista italiano, destaca quatro traços de caráter para aquele que deseja atuar como psicoterapeuta:

1º Um gosto pronunciado pela palavra e um carinho espontâneo pelas pessoas, por diferentes que sejam de você. 2º Uma extrema curiosidade pela variedade da experiência humana com o mínimo possível de preconceito. 3º Se você estiver hesitando em escolher a profissão de psicoterapeuta só porque, por uma razão qualquer, você não é um modelo de normalidade, esqueça essa preocupação. 4º O quarto e último traço que gostaria de encontrar no futuro psicoterapeuta é uma boa dose de sofrimento psíquico (p. 9-12, 2004).

O referido autor entende o primeiro traço, qual seja, o gosto pela palavra, como o prazer de ouvir o outro, acrescentando que as diferenças entre as pessoas não podem afetar o psicoterapeuta. No segundo traço: uma extrema curiosidade pela variedade de experiência humana, com o mínimo possível de preconceito, refere-se à diferença cultural, religiosa, tradicional que uma pessoa possui e que o psicoterapeuta não pode tomar como absoluto para si. Pode ter suas crenças, porém, as suas premissas religiosas ou culturais não podem definir o rumo das suas sessões. No traço três, o autor destaca que a pessoa não precisa sentir-se referênciada em normalidade para a execução da profissão.

No quarto traço, Calligaris (2004) aponta que a dose de sofrimento psíquico é importante por duas razões: a) com o sofrimento psíquico, o psicoterapeuta buscará o seu próprio processo psicanalítico, não por aprendizagem, mas para a resolução de suas angústias. E b) quando se chega em um momento de dúvida da eficácia do próprio trabalho saberá contornar a situação, pois já viu nele mesmo funcionar o método. Então, passando pelo processo e sabendo do resultado da cura nele mesmo, ao enfrentar episódios em que seus clientes não demonstram progresso, não irá se abalar, pois saberá da eficácia do método.

De acordo com Cordioli (1998, p. 71), junto a uma “sólida formação teórica e prática, que lhe proporcionam o conhecimento necessário e o domínio dos métodos da psicoterapia que pretende utilizar”, a pessoa do psicoterapeuta serve como um modelo de identificação para o paciente. Por meio do próprio exemplo, o psicoterapeuta pode suscitar mudança no cliente. Desta forma, seu modo pessoal se mostra importante:

Faleiros (2004), em seu artigo “Aprendendo a ser psicoterapeuta”, acompanha estagiários de Psicologia para compreender quais as suas noções sobre o que é ser psicoterapeuta. Dentre os 18 entrevistados, 12 tiveram experiência de tratamento psicoterápico dos seguintes métodos: Psicanálise, Psicodrama e Ontopsicologia. Os estudantes, em seu processo, reconheceram e relataram as seguintes características de um psicoterapeuta:

Dedicar-se ao paciente, sem deixar que seus conteúdos interfiram na relação transferencial; ter os conflitos internos resolvidos para ter flexibilidade e manter comunicação eficiente; consciência de suas limitações; descobrir dentro de cada um a grandeza do ser humano; saber ouvir imparcialmente, compreender e confortar acreditando no potencial de saúde do paciente (Faleiros, 2004, p. 23).

Conteúdos pessoais, conflitos internos e limitações são, para o referido autor, aspectos do psicoterapeuta que devem estar resolvidos, não interferindo no decorrer da comunicação. O psicoterapeuta possui a missão de descobrir a grandeza interior do cliente, ouvindo-o e compreendendo-o. Como resultados da pesquisa, também se obteve as de cunho teórico. Faleiros apresenta algumas qualidades e requisitos esperados:

Amar o ser humano sem discriminação e preconceitos; ter responsabilidade e conhecimentos de outras linhas de trabalho, além da própria; ter ética profissional e discrição; Empatia e flexibilidade; ter humildade, conhecimento teórico e disponibilidade; ter autocrítica e estudo constantes; ser sigiloso, reconhecer os próprios erros, manejar com a contratransferência; ter experiência de tratamento; suportar frustrações, ser espontâneo, ter simplicidade, criatividade (Faleiros, 2004, p. 24).

A maioria são características de personalidade e atitudes esperadas e que devem ser complementadas com estudos e práticas. Para Faleiros, esse conjunto é o que torna uma pessoa psicoterapeuta.

Ribeiro (2013, p. 98), por sua vez, indica que um psicoterapeuta “mais que ninguém, deve ser competente, perspicaz e profundo conhecedor de si mesmo, de seus sentimentos e afetos, de sua capacidade científica e técnica, de sua visão do mundo e de pessoa”. A clareza de si mesmo influencia no seu ofício, gerando confiança na sua atuação.

O mencionado autor refere que os aspectos pessoal e de estudo são importantes na profissão: “Ser psicoterapeuta é uma construção paciente, cotidiana, de pesquisa, de estudo. Pode exigir anos de estudo e cuidados consigo [...], e mesmo depois de muito andar não se pode dizer que se está pronto” (Ribeiro, 2013, p. 98). A noção de estar pronto não existe, há uma contínua atualização de estudos e cuidados consigo mesmo.

Na psicoterapia de abordagem grupal, a situação exige, além da experiência do analista, características importantes de personalidade. Bechelli e Santos (2005, p. 250) constataam que as características necessárias são: “calor, empatia e expansão emotiva”. Seguindo o método desta

abordagem, o analista adapta a sua personalidade, agindo com “espontaneidade, criatividade, tolerância, flexibilidade e competência, ajustando as intervenções de acordo com as respostas e maturidade dos pacientes e do grupo como um todo” (2005, p. 250).

Considera-se, também, que sua personalidade, associada à sua história, valores, conceitos e preferências pessoais, exerce alguma influência, intencional ou de forma indireta, nos participantes. Na verdade, esta ação é intrínseca a todas as psicoterapias, podendo ser positiva ou negativa (2005, p. 251).

Na situação em que a ação de influência é positiva, são ressaltadas as seguintes características, que podem surgir nas sessões: empatia, sinceridade, cordialidade, respeito e entusiasmo. Em se tratando de uma situação negativa, as características são: pressão para revelação de dados pessoais, imposição de valores, abuso de poder, negligência em proporcionar estrutura e proteção aos participantes, falta de respeito e contratransferência (2005, p. 251).

A Abordagem Centrada na Pessoa, criada por Carl Rogers, propõe três conceitos chave da atitude para ser psicoterapeuta. O primeiro deles é a autenticidade, ou congruência. Essa se constitui numa maneira natural de estar com o cliente, ou seja, sem fingir ser outra pessoa, sem usar alguma máscara, sendo ele mesmo, o que facilita a mudança do cliente (Rogers, 1989).

O segundo conceito chave consiste na aceitação do outro enquanto outro, deixando livre a expressão do cliente, sem julgamentos. O terceiro conceito chave é a compreensão empática, na qual o psicoterapeuta identifica e explica exatamente quais sentimentos seu cliente vive, bem como quais significados cria para si. Isso ocorre através de uma escuta ativa e sensível (Rogers, 1989).

Cardoso (1985), ao escrever sobre a formação profissional do psicoterapeuta, reconhece a influência da personalidade no decorrer da sua prática profissional. Acrescenta o referido autor que a “personalidade do psicoterapeuta, sua maturidade pessoal e profissional, seu autoconhecimento, tornam-se variáveis importantes no processo terapêutico” (Cardoso, 1985, p. 37).

Em Buys (1987, p. 62), os aspectos de personalidade que mais marcam a relação e o sucesso psicoterapêutico são pessoais, nascidos e aprendidos ao longo da vida:

As pessoas, quando iniciam um processo de formação de psicoterapeuta, trazem formas de relacionamento social, cotidiano, que devem ser radicalmente mudadas na

relação com o cliente. Naturalmente estas mudanças só podem acontecer ao longo do tempo, à custa de muito esforço, correções, enganos, perplexidades.

A partir dos autores analisados, percebe-se que a formação e a personalidade do psicoterapeuta influenciam significativamente o processo terapêutico, ocasionando resultados benéficos ou não ao andamento da relação terapêutica. Assim, autoconhecimento e supervisão serão essenciais para propiciar uma mudança de visão e comportamento no psicoterapeuta, com o objetivo de estabelecer um contato eficiente com o cliente.

## **2.2 A personalidade do psicoterapeuta segundo a ótica Ontopsicológica**

Tendo sido feita uma breve revisão das características de personalidade do psicoterapeuta segundo abordagens da Psicologia, na sequência serão apresentadas as características abordadas e enfatizadas pela ciência Ontopsicológica.

Na referida ciência, o instrumento de trabalho para o psicoterapeuta é a própria personalidade (Meneghetti, 2005). Assim, cabe entender de que modo a Ontopsicologia especifica a personalidade necessária para ser psicoterapeuta. Adentrando este ponto, tem-se a personalidade autêntica como premissa ao exercício da psicoterapia, a qual difere da personalidade esquema. Nesta última, ela segue os condicionamentos do esquema social a todo instante, sem perguntar o porquê faz o que faz. (Meneghetti, 2015b, p. 26). Executa não vontades próprias, mas as pré-estabelecidas pela sociedade, cultura, grupo familiar e complexos<sup>2</sup>.

O psicoterapeuta em Ontopsicologia necessita, antes de tudo, além de estudo contínuo e de uma ampla formação cultural, ser uma pessoa autêntica. Sua lógica deve estar em conformidade ao seu Em Si ôntico. Esse conceito é fundamental, pois é a base ou o fundamento de toda essa ciência. O Em Si ôntico estrutura, movimenta e direciona o ser humano na existência, definido por Meneghetti (2012, p. 84-85) como o “núcleo energético e pensante, o princípio formal que estrutura o orgânico psicobiológico do indivíduo humano. Ele garante e identifica a exatidão ou não da unidade de ação homem em processo histórico”.

---

<sup>2</sup> “Complexo é uma realidade psíquica que se formou em compromisso entre as exigências sociais e as exigências biológicas do indivíduo” (Meneghetti, p. 52, 2012).

O Em Si ôntico, para entrar em consonância com a lógica do homem, comunica ao Eu a Priori<sup>3</sup>, o qual é responsável por traduzir a informação do Em Si ôntico em sensações corpóreas no homem (Meneghetti, 2012). As comunicações são percebidas através do critério organísmico<sup>4</sup>, ou o corpo com consciência, a partir de onde pode ser depois traduzida pela consciência do homem como vontade própria (Meneghetti, 2012). Essa comunicação é possível pelo Campo Semântico, sendo uma comunicação inconsciente inerente às individualizações viventes. (Meneghetti, 2015a).

O que difere uma personalidade esquema de uma personalidade autêntica, observando o processo da estrutura do homem, é a ação do monitor de deflexão, pois a sua ação está entre o Eu a Priori e a consciência<sup>5</sup>. Esse interfere desviando e distorcendo a informação, de forma que esta não mais reflita na consciência igual ao original (Meneghetti, 2010).

A personalidade autêntica, por sua vez, consiste “na capacidade de saber aceitar o outro enquanto outro” (Meneghetti, 2015b, p. 27). Neste ponto vale adicionar que “A maioria dos homens só sabem ver os outros como estranhos. Infelizmente, isso acontece em consequência da ignorância de si mesmo. Quem sabe com amor a si mesmo, sempre sabe encontrar a possibilidade do outro” (Meneghetti, 2015b, p. 27).

O conceito de amor aqui tratado toma um outro significado. Nas palavras de Meneghetti, significa “[escorrer] de mim, derramando-me em ti, para fazer-te mais”. É um momento em que a pessoa está plena em si mesma, em contínuo amor e autenticidade.

Com a evidência proporcionada pelo critério organísmico, e evidência significa “uma exata relação de coincidência entre o objeto aberto e o íntimo de quem vê” (Meneghetti, p. 111, 2012) o homem possui o conhecimento exato de quem é e se aceita por como é. Assim, se vê como semelhante ao outro, o vê com um olhar de igualdade e amor. “Aceitar o outro enquanto outro significa acolher com amor um outro-Eu” (Meneghetti, 2015b, p. 27). Essa atitude de amor consigo é o que torna a psicoterapia ontopsicológica possível, pelo fato de quem sabe com amor a si mesmo, saberá encontrar qual a possibilidade do outro (Meneghetti, 2015b, p. 27).

---

<sup>3</sup> “É o representativo ideal da solução possível como única perfeição, mas se realiza apenas se e no modo que o Eu consciente decide o escopo último da totalidade do Ser” (Meneghetti, 2012. P. 105).

<sup>4</sup> “É o vetor da emocionalidade com ausência de interferências cerebrais, ideológicas (Meneghetti, 2012, p. 70).

<sup>5</sup> A consciência (...) é a zona em que o homem se confronta, averigua, discrimina, vê os prós e os contras etc. (Meneghetti, 2014, p. 186).



Importante referir que a autenticidade, vista na ótica ontopsicológica, difere das outras correntes. Isso ocorre pois está baseada no Em Si ôntico, primeiro do psicoterapeuta consigo mesmo, depois do cliente para possibilitar a diretiva correta a este. Toda diretiva é dada conforme o Em Si ôntico do cliente. Neste ponto, cabe esclarecer que o psicoterapeuta ontopsicológico também é cliente do método que aplica, pois, para chegar na sua, deve passar pelo processo terapêutico da Ontopsicologia. Meneghetti (2010, p. 284) acrescenta que:

A psicoterapia ontopsicológica conduz ao reencontro do verdadeiro ôntico pessoal. À luz desse último, o homem reconhecerá, entre as possibilidades ambientais, aquelas úteis e funcionais para ele e, mediante decisões definidas, colocará com autenticidade as suas escolhas únicas.

O homem autêntico saberá qual a melhor decisão tomar em cada momento, pois é “intus” ao próprio uno<sup>6</sup> e, com isso, sabe colher a ética ótima de cada situação. Ele e Em Si tem o mesmo vetor de ação.

O psicoterapeuta “sabe conhecer de modo exato somente se antes é exato consigo mesmo” (Meneghetti, 2010, p. 284) e aqui está sua responsabilidade. Além disso, é exemplo de pessoa e de estilo de vida:

Por força da própria autenticidade, o psicoterapeuta conduz o cliente a perceber a própria presença até a raiz da interioridade de si mesmo. (...) Cabe dizer que o psicoterapeuta procura levar o cliente do eu disperso como “esse” ao Eu recolhido em perseidade ôntica (Idem, p. 284).

Com a própria ação congruente ao que é, o psicoterapeuta provoca o cliente a perceber a grandeza interior do seu Em Si ôntico. Portanto, não somente serve de modelo de identificação, como também, quando em autenticidade, leva o cliente a conscientizar a si mesmo com transparência.

A personalidade autêntica envolve aspectos de estilo de vida para se consolidar e manter. Além disso, há critérios para a subjetividade do pesquisador exato. Serão vistos a seguir os aspectos práticos para a autenticidade e os referidos critérios.

---

<sup>6</sup> Como na característica “inseico” do Em Si ôntico, definida como: uno, indiviso e sempre idêntico, como quer que se adapte ou opere (Meneghetti, p. 160, 2010).

### 2.2.1 Bases práticas para a autenticidade

Como principal aspecto tem-se a consultoria de autenticação da Ontopsicologia, pois nela estão todas as indicações práticas de como viver para a autenticação. Com a leitura aguçada do psicoterapeuta e sua devolutiva, sabe-se qual estrada seguir para o otimal de si mesmo. Aqui serão apontadas algumas práticas que o profissional de psicoterapia da Ontopsicologia tem para manter-se em uno e profundo amor em si mesmo.

Para chegar em amor a si mesmo necessita-se da atitude do egoísmo vital. A palavra egoísmo, conforme a Ontopsicologia, toma uma forma diferente do seu uso comum, sendo entendida como: “o princípio que faz a identidade de um contexto dinâmico-orgânico” (Meneghetti, 2012, p. 82). Para se ter o egoísmo é preciso ter uma personalidade capaz, ou seja, independente do que a moral, os estereótipos indiquem. O que importa é saber colher a informação do Em Si ôntico. “Religiões, culturas, pontos de vista, afetos garantem ao indivíduo um álibi existencial, mas o veredicto da inteligência de natureza não conhece o perdão ou a boa-fé” (Meneghetti, 2022, p. 309). O Em Si ôntico se interessa pela saúde; feita a saúde, pensa no sucesso próprio; depois se ocupa da socialidade, pois precisa de outros Em Si (Meneghetti, 2024).

Outra característica é a santidade, aqui entendida como uma atitude voltada também ao Em Si ôntico, com ações de vida congruentes a ele (Meneghetti, 2022). “De modo particular a sua santidade configura-se sobre três exatidões: a) ordem estética; b) ordem moral; c) ordem econômica” (Meneghetti, 2022, p. 312). Esta última norteia o seu modo de ser santo, que coincide com a décima quinta característica do Em Si ôntico: “é sempre com e em direção ao Ser” (Meneghetti, 2012, p. 92).

Havendo o potencial natural de líder, o psicoterapeuta pode e deve desenvolver a atitude de liderança. A definição de líder para a Ontopsicologia consiste em ser “o momento providencial do espírito no mundo como mão de auxílio para muitos. Ele é o homem que, por meio do próprio egoísmo, realiza também o interesse público” (Meneghetti, 2013, p. 21). Por meio desse egoísmo realiza o seu interesse, realiza a si mesmo, sendo útil ao seu entorno.

Um outro ponto essencial é a atitude natural. O psicoterapeuta gosta do ser humano, a sua paixão é o homem. Segundo o livro: *Psicoterapia ontopsicológica: a formação do ontoterapeuta*, realizou-se um questionário sobre a atitude natural do ontoterapeuta, obtendo-se como uma das respostas a seguinte:

Ter intrinsecamente amor pelo ser humano e interesse genuíno pelo seu desenvolvimento. Saber ouvir, com todo seu organismo e dispor-se à realidade do cliente. Em outras palavras, capacidade de ser auscultar à realidade íntima do outro. Saber respeitar o outro, mesmo nos seus limites (Accorsi, 2021, p. 213).

O interesse em ser um psicoterapeuta está pautado nessa atitude natural, nesse amor que se tem pelo outro, num interesse verdadeiro no seu desenvolvimento. “[...] Uma personalidade à espera de amar ‘a verdade’ do cliente. Essa atitude não pode ser fictícia, mas real; de fato, a prática ontoterápica pressupõe uma autenticidade em missão” (Meneghetti, 2015b, p. 70). Ou seja, é uma atitude nata do psicoterapeuta que serve de instrumento ao desenvolvimento do cliente, necessitando assim ser pressuposto, para o ofício, a autenticidade.

Essa percepção mencionada na citação acima é de caráter corporal, não se ouve somente com os ouvidos, mas o corpo todo entra na análise, como uma entrega total ao momento de contato com o cliente. “O nosso corpo é um conjunto de radares e cada zona é especificada em colher uma determinada informação do ambiente. Em todo o nosso organismo existem sensores que metabolizam o ambiente (Meneghetti, p. 78, 2015a).

Outra resposta obtida no trabalho de pesquisa citado, sobre a atitude natural, e que se assemelha a anterior é: “Uma capacidade de curiosidade, de amor incondicional aos outros. São coisas que tu tens ou tu não tens” (Accorsi, 2021, p. 213).

Outro ponto a se examinar é o estilo de vida do profissional psicoterapeuta. O psicoterapeuta exato vive em constante metanoia, que significa “mudar a mente, variação radical do comportamento para identificá-lo à intencionalidade do Em Si” (Meneghetti, p. 172, 2012). Ele percebe a ação otimal dada pelo Eu a Priori e muda todo seu comportamento.

O psicoterapeuta exato vive em constante metanoia. Pode fazer o que quiser, mas substancialmente é um solitário, vive com o íntimo da vida. Ele encontra satisfação na vida que vive, não nas normas correntes. Conhece o relativismo de cada absoluto social, porque tem a evidência dele pelo inconsciente dos clientes e do próprio Em Si (Meneghetti, 2005, p. 217).

A sociedade é um fator externo, não deve ser internalizada como um viver exclusivamente para a sociedade. Antes de tudo, deve-se viver para si, saber o próprio modo de ser e, assim, encontrar prazer. Ou seja, sabe relativizar estereótipos sociais, não os vive de forma absoluta.

No cotidiano é incitado a perceber e entender seus próprios comportamentos e mudar. “Na prática, um psicoterapeuta deve construir um tipo de vida, de *privacy* para si, sem desmentir os comportamentos coletivos; na sua privacidade criar a possibilidade de particulares prazeres” (Meneghetti, 2005, p. 217). Não vive como os outros, não prefere os padrões estabelecidos, mas escolhe conforme sua essência o que for melhor a si, com egoísmo vital constante, mas sempre respeitando os preceitos sociais.

Meneghetti destaca que é preciso também haver uma espécie de interação com a natureza: “*contato contínuo*, uma espécie de osmose, de respiro entre o próprio organísmico e o organísmico holístico do ambiente em que se vive” (Meneghetti, 2005, p. 218). Essa interação possibilita o conhecimento de íntimo a íntimo com a vida. Não basta somente saber o campo semântico como teoria, mas como vivência “é a informação-base que acontece antes de todas as emoções, antes de toda consciência (Meneghetti, p. 76, 2015a). A sua aplicação está na vida, no dia a dia do ontoterapeuta. Tal definição se denomina consanguinidade naturística.

Meneghetti (2012) continua a mencionar a prática de atividades de contato com a natureza, o contato direto com aquilo que é semelhante a uma parte nossa, pois é possível a comunicação entre ambos, o que não depende de uma mente exclusivamente racional.

(...) mas é uma intelectualidade viscerotônica, onde no fim não há nada a pensar, (...) há exclusivamente a evidência do íntimo último soberano e beatífico. Para chegar a isso é preciso entrar no que é vivo, aprender a nutrir-se e metabolizar o vivente da natureza, não as suas objetificações: colher a alma da flor; portanto, exercitar vida com vida (Meneghetti, 2012, p. 218).

Atividades como a cozinha, envolvimento com plantas, preparação do café da manhã, se tornam “(...) o contato com o fazer não para servir, mas para aprender a própria riqueza e a aplicação do próprio potencial” (Meneghetti, 2005, p. 218). Destaca-se que essas atividades estão continuamente presentes, como o ar que entra em nossos pulmões, o tato na mão ao mexer os elementos da natureza, o paladar ao provar os sabores e basta a mente formalizar tais sensações como prazeres.

### 2.2.2. Critérios para a subjetividade do pesquisador exato

Por pesquisador exato compreende-se qualquer profissão que o homem atue como centro operativo, como por exemplo a psicoterapia. A Ontopsicologia denominou cinco critérios para verificar se o homem está em exatidão de subjetividade.

O primeiro é a *funcionalidade*, entendida como “[...] se autorregenera enquanto se desenvolve historicamente. O sujeito está bem, é correspondente a si mesmo, circular e contínuo, funciona em crescimento” (Meneghetti, 2010, p. 143).

O homem, segundo esse critério, está funcionando, tomando como centro a si mesmo. Possui uma ordem de ação, que tem como fim ele mesmo, faz para si o seu desenvolvimento e cresce. Toda ou qualquer ação sua é voltada para seu crescimento ou ganho de inteligência. Com isso, reforça a sua identidade<sup>7</sup> ôntica e, conseqüentemente, é capaz de identificar e reforçar a identidade ôntica do seu cliente.

Essa funcionalidade não é qualquer funcionalidade, mas sim: *correspondência com o isso de natureza*. Quando verificamos essa funcionalidade, ela se revela igual a natureza, o homem compreende a linguagem das coisas e da diferenciação. É familiar com o íntimo da natureza (Meneghetti, 2010, p. 143).

O pesquisador exato aqui descrito desenvolveu uma lógica de consciência, ou seja, pensa, articula, se organiza, desenvolve, cria conforme ao seu Em Si ôntico, conforme sua identidade original, e não conforme a uma cultura, estereótipos. Desenvolve a sua lógica em conformidade com sua identidade de natureza.

Como terceiro ponto, há a *univocidade entre as percepções do sujeito*:

Que o sujeito perceba com os pés, com os olhos, com as orelhas, com a sensação, através da anamnese, ou através da linguagem onírica, o resultado é o mesmo; esse homem atinge o idêntico resultado com qualquer sentido de si mesmo que use. (Meneghetti, 2010, p. 143-144).

O psicoterapeuta tem a percepção em todo o corpo pelo seu critério organísmico, através do campo semântico, possibilitando conhecer a si mesmo e o outro. Essa sensibilidade se dá devido à sua lógica de natureza desenvolvida, pois a articula com atenção o seu estilo de vida em coerência ao seu Em Si.

O critério organísmico é uma forma de conhecer o outro através do próprio corpo. Pode-se conhecer uma pessoa não somente olhando seus aspectos físicos, mas também

---

<sup>7</sup> Identidade para a Ontopsicologia é “o que o ser é aqui, assim e agora” (Meneghetti, 2012, p. 130). Ou seja, sabendo o que é para si mesmo, aqui, agora e assim, vive-se a própria identidade.

instrumentalizando a percepção e a sensibilidade do próprio corpo, sentindo a entidade da emoção corpórea do outro em si mesmo (Meneghetti, 2015a).

Como quarto ponto, há o *controle sobre o objetivo*:

este homem, pelo conhecimento que tem, tão logo se encontre diante de uma novidade problemática (o problema é estímulo de inteligência, dá o *starter* à dialética do devir criativo) muda a realidade em vantagem própria. Não a sofre: controla e facilita para si e para o contexto em que se encontra. (Meneghetti, 2010, p. 144).

Pela formação técnica e cultural que possui, os problemas se tornam estímulo de inteligência e tem-se prazer em resolvê-los. É uma possibilidade e oportunidade à sua criatividade.

Como quinto e último ponto, há o *desaparecimento do sintoma*: “não somente o sujeito é isento de distorção somática ou neurótica, mas desaparece também o erro em chave de racionalidade psíquica” (Meneghetti, 2010, p. 144).

Somente assim, com presença ou constatação destes cinco pontos, o psicoterapeuta pode apresentar uma consciência exata, reversível com o real que impacta. Ou seja, a sua subjetividade pode compreender objetivamente o outro, como de fato ele é. Segundo Antonio Meneghetti, “[a] objetividade de qualquer conhecimento se origina da subjetividade do pesquisador. Se não tornamos exatos quem mede, não temos um critério de verdade” (Meneghetti, 2015a, p. 71). O psicoterapeuta, conhecendo o seu íntimo, saberá conduzir com maestria a sessão terapêutica.

Portanto, do quanto visto sobre a Ontopsicologia, tem-se um norte do que a ciência visa com sua prática de psicoterapia: o homem autêntico, começando pelo próprio psicoterapeuta. Do arcabouço de personalidade vista, da Psicologia à Ontopsicologia, percebe-se que, para uma personalidade autêntica, requer uma escolha total por parte do pretense profissional. Sobretudo de fazer um profundo processo de autenticação e de um forte cuidado e ausculta de si mesmo.

### 3 MÉTODO

A pesquisa é realizada a partir da metodologia bibliográfica, com revisão teórica de autores encontrados na plataforma *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), com o critério de abordarem a formação de um psicoterapeuta e considerarem a personalidade do psicoterapeuta como parte desta formação. Foram encontrados autores de referência nas linhas

da psicoterapia da Psicanálise, Psicologia Social e Comunitária, Psicologia Educacional e do Desenvolvimento e Psicologia organizacional. A escolha de livros de Ontopsicologia do próprio autor teve como base aqueles que abordam questões sobre a estrutura da personalidade, suas definições e tipos, e qual a específica do psicoterapeuta.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Verificadas as noções sobre a personalidade do homem, percebe-se que, para cada autor da Psicologia analisado, há uma noção diferente de constituição e modos específicos de comportamentos.

A Psicanálise entende a personalidade como as características únicas e estáveis de uma pessoa. Apresenta uma estrutura da personalidade definida como Teoria Topográfica, baseada em três dimensões do homem, as quais definem como o indivíduo age e se relaciona com a sociedade e com outras pessoas: o Id é a parte instintiva, de desejos inconscientes, regidos pelo princípio do prazer. O Superego, onde residem os valores e a moral, funciona para censurar a realização de um instinto do Id, considerado imoral pela sociedade. O Ego é guiado pela racionalidade e sua função é encontrar o equilíbrio entre os dois outros componentes (Id e Superego), para assegurar a integridade da personalidade.

Para Erikson, a personalidade vai se formando no decorrer de etapas da vida. Segundo o referido autor, tais etapas consistem em oito. Conforme a pessoa as supera, ocorre um amadurecimento único e relacionado a cada fase. A primeira etapa é: Confiança x Desconfiança. Nesta, o bebê de até 2 anos está em interação com pessoas próximas e cria-se um vínculo de confiança. Se negligenciada essa fase, pode-se, no decorrer do tempo, criar um sentimento de desconfiança e ansiedade.

A segunda etapa é a Autonomia x Vergonha e Dúvida, que ocorre entre 2–3 anos. Nela, a criança começa a entender que é um ser social, tomando posse de objetos. Eventual crítica excessiva externa, se ocorrida nesta fase, pode levar à características da vergonha e da dúvida. Na terceira etapa há a Iniciativa x Culpa e ocorre entre 4–5 anos. Aqui, a criança adquire autonomia e desenvolve o socializar para além das pessoas habituais. Nesta fase, tomar iniciativas ou não gera responsabilidade, internalizada na forma de culpa.

Na quarta etapa, Diligência x Inferioridade, ocorrida entre 6–11 anos, a criatividade está desenvolvida e deve-se direcionar o foco criativo para a socialização. Porém, se há cobrança

excessiva de perfeição, gera-se o sentimento de inferioridade. Na quinta etapa, há a Identidade x Confusão de Identidade, e ocorre entre 12 – 18 anos. Nela, a ânsia de pertencimento e a de identificação são grandes e contraditoras. Com a pressão externa, somada à mudança corporal nessa idade, a pessoa não acompanha seu crescimento e mudanças, causando confusões de identidade.

Na sexta etapa, Intimidade x Isolamento, ocorrida entre 19—40 anos, se superado o conhecimento da própria identidade, o sujeito experimenta escolher o que quer. Porém, se não o faz, tem dificuldades de gerar relações íntimas e se isola. A sétima etapa é Generatividade x Estagnação, e ocorre entre 40—60 anos. Nessa fase, espera-se que a boa socialização anterior tenha ocasionado um bom trabalho e que agora há um espaço para novos projetos. Se esses não dão certo, a pessoa entra em estagnação. Na oitava e última etapa há a Integridade x Desespero, e se dá entre 60 anos e o resto da vida. Nesta, a pessoa fica naturalmente mais reflexiva sobre o que fez em sua vida. Caso identifique que não teve sentimento de realização, haverá a tendência ao desespero.

Para a Ontopsicologia, por sua vez, tem-se o Em Si ôntico como critério fundante do real do sujeito. Conforme vimos, o Em Si ôntico é formalizado ao Eu lógico-histórico através do Eu a priori. Estando o sujeito em interação com o seu contexto existencial, se dá somente uma relação positiva em confronto ao restante que acontece. Essa possibilidade de coincidência é praticamente única, e especifica-se como ética otimal ao Eu lógico histórico. Ou seja, a individuação, na interação com o contexto, através do Eu a priori, pode fazer a escolha acertada para conduzir a própria existência sempre em consonância com sua identidade ôntica, ou seja, reforçando própria identidade. A ética é variável e cabe ao Eu lógico do sujeito de fazer a medição entre essa ética otimal e a ética societária, respeitando aquela social, mas sem jamais desmentir aquela indicada pelo Em Si através do Eu a priori.

Percebe-se assim, a diferença na estrutura do homem, quando visto pela Psicologia, em função de não haver o fundamento ontológico que a Ontopsicologia possui: o Em Si ôntico. Ou seja, a Psicologia leva em consideração o aspecto da personalidade como um papel importante, ao falar sobre requisitos de personalidade como: curiosidade sobre o outro, gosto pela palavra, qualidades pessoais, congruência e aceitação incondicional. Ela apresenta nesses termos uma noção de que o psicoterapeuta tem amor por si e também pelo outro. Porém, o que verifica a exatidão ou não da operação do profissional, não entra em questão.



Como resposta ao problema: qual o diferencial da personalidade do psicoterapeuta pelo viés da Ontopsicologia? Obteve-se a noção de que para a Psicologia não possui o critério de verificação da autenticidade do psicoterapeuta. Carl Rogers fala sobre a autenticidade ou congruência para aplicar o método, porém, não apresenta o critério que consente a verdade. A Ontopsicologia, por sua vez, entende a autenticidade em consequência do conhecimento do Em Si ôntico que, quando é percebido pelo homem e atuado continuamente, indica que este possui uma personalidade autêntica.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como conclusão do que foi exposto, percebe-se que a personalidade é o instrumento de maior impacto para a Ontopsicologia, capaz de centrar o cliente no seu Em Si ôntico. A construção da personalidade do psicoterapeuta deve ser contínua, uma vez chegada a compreensão, requer a continuidade. Ele se propõe à novidade de informação de seu Em Si ôntico e age em conformidade com suas indicações. Todo o seu trabalho depende desse contínuo processo metanoico.

Ademais, o psicoterapeuta em Ontopsicologia tem 3 motivos para sê-lo:

1) sensibilidade e atitude natural à curiosidade em direção aos outros. 2) um alto nível de preparação técnica. Possivelmente deve ter também a experiência de muitas culturas. 3) a santidade: um psicoterapeuta pode ler um outro na medida em que é exato. (Meneghetti, 2005, p. 214).

Com a consultoria de autenticação, aplicado antes de tudo nele mesmo, o profissional conhece o que há de subjetivo e não julga, não vê com estranheza as outras pessoas. Porque entrou na sua subjetividade e não há o medo, não há o limite, refletindo no seu cliente o mesmo e possibilitando a abertura à mudança.

Com base nos conceitos abordados e discutidos, torna-se evidente a importância da autenticidade do psicoterapeuta para a sua atuação profissional.

## **REFERÊNCIAS**

ACCORSI, Ângelo. **Psicoterapia ontopsicológica: a formação do ontoterapeuta**. Curitiba: Appris, 2021.

ALVES, Leonardo Marcondes. Erik Erikson: os estágios psicossociais do desenvolvimento. **Ensaios e Notas**, 2020. Disponível em: <https://ensaiosenotas.com/2020/06/13/erik-erikson-os-estagios-psicossociais-do-desenvolvimento/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

BARLETTA, J. B. Competências clínicas essenciais em psicoterapia e a necessidade do aprimoramento continuado. In: Sociedade Brasileira de Psicologia, R. Gorayeb, M. C. Miyazaki & M. Teodoro (Orgs.), **PROPSICO Programa de Atualização em Psicologia Clínica e da Saúde: Ciclo 7** (pp. 59–104). Porto Alegre: Artmed Panamericana, 2023. (Sistema de Educação Continuada a Distância, v. 2). Disponível em: <https://doi.org/10.5935/978-65-5848-970-2.C0003>. Acesso em: 27 nov. 2024.

BECHELLI, L. P. DE C.; SANTOS, M. A. DOS. O terapeuta na psicoterapia de grupo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 13, n. 2, p. 249–254, mar. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/NXGj6QBgHMsW33ZL94Yx96v/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

BUYS, Rogério. **Supervisão de psicoterapia: na abordagem humanista centrada na pessoa**. São Paulo: Summus Editorial, 1987.

CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2004. Disponível em: <https://feapsico2012.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/04/cartas-a-um-jovem-terapeuta-contardo-calligaris.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2024.

CARDOSO, E. R. G. A formação profissional do psicoterapeuta. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial Ltda, 1985. Título original: A formação profissional do psicoterapeuta. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=tS6FIfU-nZYC&oi=fnd&pg=PA9&ots=5S48sZ0r6q&sig=JWUo2oFCJ7-bBoqWCVCARXVGdTY&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=tS6FIfU-nZYC&oi=fnd&pg=PA9&ots=5S48sZ0r6q&sig=JWUo2oFCJ7-bBoqWCVCARXVGdTY&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 27 nov. 2024.

CASTRO, R. C. L. de. Os fundamentos da Abordagem Centrada na Pessoa na obra de Carl Ransom Rogers e a relevância deles para a prática clínica da Medicina de Família e Comunidade. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 44, p. 3170, 2022. DOI: 10.5712/rbmfc17(44)3170. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/3170>. Acesso em 27 nov. 2024.

CORDIOLI, A. V.; PHEULA, G.; ISOLAN, L. Fatores comuns e mudança em psicoterapia. In: **Psicoterapias: abordagens atuais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. cap. 3, p. 58-73. Disponível em: [https://www.academia.edu/38842613/Psicoterapias\\_Abordagens\\_atuais\\_Aristides\\_Volpato\\_CORDIOLI\\_incompleto](https://www.academia.edu/38842613/Psicoterapias_Abordagens_atuais_Aristides_Volpato_CORDIOLI_incompleto). Acesso em: 27 nov. 2024.

FALEIROS, E. A. Aprendendo a ser psicoterapeuta. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 24, n. 1, p. 14–27, mar. 2004.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, SP: Atlas, 1999.

MASLOW, A. **Introdução a psicologia do ser**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1980.

MENEGHETTI, Antonio. **A psicologia do líder**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. **Campo semântico**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a.

MENEGHETTI, Antonio. **Da consciência ao ser: como impostar a filosofia do futuro**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **Filosofia Ontopsicológica**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.

MENEGHETTI, Antonio. **O egoísmo vital para construir a si mesmo**. [11:17]. In: Ontopsicologia ciência interdisciplinar. YouTube, 2024. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=egoismo+vital&rlz=1C1GCEA\\_enBR1125BR1125&oq=egoismo+vital&gs\\_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQIRigATIHCAIQIRigAdIBCDE5OTVqMGo3qAIAAsAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:db2bfdac,vid:0rWDzc-lrdU,st:0](https://www.google.com/search?q=egoismo+vital&rlz=1C1GCEA_enBR1125BR1125&oq=egoismo+vital&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQIRigATIHCAIQIRigAdIBCDE5OTVqMGo3qAIAAsAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:db2bfdac,vid:0rWDzc-lrdU,st:0). Acesso em: 29 set. 2024.

RIBEIRO, J. P. **Psicoterapia: Teorias e Técnicas Psicoterápicas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2013. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-federal-do-rio-de-janeiro/psicologia-social-clinica/psioterapia-teorias-e-tecnicas-psicoterapicas-jorge-ponciano-ribeiro/84323255>. Acesso em: 28 nov. 2024.

ROGERS, C. R. **Sobre o poder pessoal**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ROGERS, C. R. **Um jeito de ser**. São Paulo: E.P.U., 2012.

IEB PSICANÁLISE. **Descubra os tipos de personalidade segundo a psicanálise**. [S.l.]. IEB Psicanálise, 2023. Disponível em: <https://academiadosterapeutas.com/blog/post/descubra-os-tipos-de-personalidade-segundo-a-psicanalise>. Acesso em: 28 nov. 2024.

IBRAPSI. **Entendendo as instâncias psíquicas: id, ego e superego**. [S.l.]. IBRAPSI, 2022. Disponível em: <https://ibrapsi.com.br/entendendo-as-instancias-psiquicas-id-ego-e-superego-2/#>. Acesso em: 29 nov. 2024.